



LYGIA PAPE: ARTE, LINGUAGEM E HIBRISMO

ART, LANGUAGE AND HYBRIDISM

Eraní Ferreira Soares¹

RESUMO

Este artigo propõe uma análise sobre arte, linguagem e hibridismo no trabalho da artista Lygia Pape, umas das mais importantes representantes do Neoconcretismo no Brasil durante a década de 1960. O intuito é atingir os significados das suas obras, nas quais há a hibridação do processo de construção da sua plástica ao lidar com ordens, configurações e temas mais anárquicos e transgressores. Seus trabalhos dessa época acionaram a participação, a ironia, o humor negro e discutiam o papel da mulher na sociedade.

PALAVRA CHAVE

Hibridismo; Neoconcretismo; Linguagem.

ABSTRACT

This article proposes an analysis of art, language and hybridism in the work of the artist Lygia Pape, one of the most important representatives of Neoconcretism in Brazil during the decade of 1960. The aim is to achieve the meanings of his works, in which there is hybridization in the process of constructing her plastic when dealing with orders, configurations and more anarchic and transgressive themes. Her works of that time triggered the participation, the irony, the black humor and discussed the role of women in society.

KEY WORDS

Hybridism; Neoconcretism; Language.

INTRODUÇÃO

Ao permear o limite entre a arte e a vida, a artista plástica Lygia Pape, fazia de seus trabalhos uma interação com o mundo. Nasceu em 1929, na cidade de Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro e, por meio do seu trabalho, ganhou renome internacional. O trabalho de Lygia Pape era espontâneo e perpassou por linguagens artísticas variadas: pintura, gravura, escultura, dança, design gráfico, filme, performances e instalações. Extrapolou o plano

¹ Eraní Ferreira Soares é mestranda em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduada em Educação Artística/Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (1997), possui Curso de Pós- Graduação *Lato Sensu*, Especialização em Abordagens Contemporâneas em Arte-Educação (1999). Atualmente é professora da Universidade Vila Velha nos cursos de Design de Produto, Design de Moda e Artes Cênicas, nos quais ministra as disciplinas de História do Design, História da moda, figurino, composição e cor. Contato: eraniferreira@gmail.com.



pictórico e, dessa forma, o resultado são obras que integram o espaço com variados meios de expressão e que promovem uma inter-relação de linguagens.

Nas experimentações conceituais que envolvem suas produções, evidenciam-se técnicas inusitadas e práticas artísticas distantes das habitualmente conhecidas. Permitem, portanto, a reflexão sobre sua obra a partir da ideia de pós-produção, proposta por Nicolas Bourriaud, no ensaio *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. Bourriaud compara o artista contemporâneo à figura de um ator que trabalha com a informação disponível no universo cultural e lhes dá outra configuração ao modificar o contexto, alterando a imagem ou simplesmente reapresentando as suas escolhas numa sequência diferente da original:

Nessa nova forma cultural que pode ser designada como cultura do uso ou cultura da atividade, a obra de arte funciona como o término provisório de uma rede de elementos interconectados, como uma narrativa que prolonga e reintegram as narrativas anteriores (BOURRIAUD, 2009, p. 16).

LINGUAGEM E ARTE: SUA FUNÇÃO NA SOCIEDADE

Lygia Pape, sua paixão pela vida e pelas pessoas foi o elo que permeou seu temperamento e seu trabalho ao longo de sua carreira. A trajetória da artista ainda é pouco pesquisada, apesar de sua importância para a arte brasileira.

A característica principal da obra de Lygia Pape é a integração das esferas estética, ética e política. Nesse sentido: “O que define o homem como ser racional é a sua capacidade de codificar, isto é, de simbolizar a sua experiência vivida” (BRILL, 1988). Sua produção artística é marcada pela preocupação em relacionar os principais temas da humanidade: como tempo, espaço, violência, sexualidade:

A função simbólica dá o homem a possibilidade de captar sua vivência, expressando-a, a fim de memorizá-la para si mesmo ou transmiti-la aos outros. É, portanto a comunicação entre os homens que está na base da função simbólica, possibilitando a troca de ideias entre indivíduos do mesmo grupo social, através de códigos tais como a linguagem escrita e falada e as artes (BRILL, 1988, p. 35).

O contexto sócio político, no qual estava inserida na década de 1960, era de fortalecimento das medidas ditatoriais no país e, apesar de algumas de suas obras terem conotações



políticas, sua representatividade não foi de forma direta ou dura. A artista usava a arte como expressão, mas de forma suave, sem o rigor daqueles que faziam manifestações públicas e panfletagem.

Afinal, função simbólica da arte é expressar, mediante uma matéria, um símbolo mediador entre a dimensão profana e a dimensão sagrada. O que há de sublime, o que há de belo em cada coisa e, em especialmente, em nós. Através do símbolo, a arte nos faz recordar o que somos e, assim, desperta nossa consciência ao permitindo uma aproximação com o que há de mais nobre no interior das pessoas.

Com a artista temos uma infinidade de linguagens, que parecem demais com a vida, que está inserida no cotidiano das pessoas. Disse Lygia em uma entrevista para o jornal o Globo “Não sei me relacionar sem ter paixão. Adoro gente. Não consigo entender pessoas que vivem sem gostar das outras.” A trajetória da artista Lygia Pape ainda é pouco pesquisada, apesar de sua importância para a arte brasileira.

LYGIA PAPE: CONCRETISMO E NEOCONCRETISMO

Nos anos 1950, Lygia aproximou-se dos concretistas do *Grupo de Frente no Rio*, do Rio de Janeiro, e o *Ruptura*, de São Paulo. Estes movimentos foram de suma importância para a cultura brasileira, pois a arte concreta passou a ser compreendida como parte do *movimento abstracionista moderno*, afastando qualquer conotação lírica ou simbólica. O *movimento concretista* teve sua origem no Brasil a partir da I Bienal de São Paulo 1950, quando foram premiados artistas estrangeiros e brasileiros que desenvolveram pesquisas orientadas na direção da arte concreta. Entre eles, Max Bill, artista suíço, proveniente da Escola Superior da forma de ULM:

Max Bill definia a arte concreta como uma arte autônoma que expressava sua própria estrutura e se distinguia da arte abstrata porque não se relacionava com a natureza exterior. Utilizava cores, o espaço, a luz, o movimento, a matemática e a geometria para a criação de novas realidades. O pensamento de Max Bill foi fundamental para impulsionar os artistas concretos de São Paulo e os artistas do Grupo Frente no Rio (RIBEIRO, 1977, p. 58).

O Concretismo, com suas rígidas formalidades, sofreu divergências de interpretação entre o grupo carioca e o paulista. O grupo de artistas cariocas usava livremente as cores, tinham



liberdade de criação sem o rigor dos paulistas, pois consideravam que o rigorismo os distanciaria do verdadeiro concretismo.

O movimento Neoconcreto, em contraponto ao Concretismo, foi articulado no Rio de Janeiro a partir de 1957 (RIBEIRO, 1977, p. 61). O poeta Ferreira Gullar liderou um novo grupo que contava com a participação de alguns poetas e artistas oriundos do Grupo Frente ou que trabalhavam no Jornal do Brasil. O grupo organizou sua primeira exposição no MAM-Rio em 1959 e sua última exposição no MAM-São Paulo, em 1961.

Apesar de seu breve período de atuação, o Neoconcretismo foi um movimento singular que estabeleceu a ruptura, não só com uma forma geométrica de arte, mas com o projeto construtivo modernista brasileiro ao inaugurar um momento radical para a neovanguarda no Brasil. Os neoconcretistas, acreditavam na arte como atividade autônoma com elevada missão social. Com o objetivo de educar os homens a conhecer suas emoções plenas, a linguagem geométrica se apresentava como um campo aberto para alcançar diferentes respostas. Ferreira Gullar nos contou que:

Havia uma total liberdade, nada era dogmático. Todo mundo estava disposto a inventar. Não trabalhar só categorias convencionais. Na escultura, a ideia era destruir a base, fazer um objeto que assim se chamasse, mas que pudesse ser posto em qualquer posição. A pintura também não seria mais envolvida por uma moldura, avançaria no espaço. Eu mesmo inventei um livro chamado "Livro da Criação", onde narrava a criação do mundo sem palavras, meio artes plásticas, meio poesia. Esse sentido de invenção, de criação era o que realmente caracterizava o movimento. Naquela época ainda existia o pensamento de um quadro ser uma pintura na parede, para mera contemplação. Não tinha o sentido de participação, de uso de materiais diferentes; então tudo isso deu um sentido muito grande de liberdade. Na época não era fácil, nós tínhamos o mundo em oposição a nós (GULLAR, Ferreira (et al). **Manifesto Neoconcreto**. Jornal do Brasil, Suplemento Dominical. Rio de Janeiro: 1959).

Dentre as diversas linguagens de seus trabalhos, podemos indicar como um dos mais importantes na carreira de Lygia Pape, a criação das embalagens dos biscoitos da marca Piraquê, criadas em 1960, onde podemos observar nas estampas de algumas embalagens, com a repetição de elementos gráficos, características do neoconcretismo. Como podemos observar na imagem abaixo:



Figura 1 - Lygia Pape e as embalagens da Piraguê. Disponível em:

<https://asminanahistoria.wordpress.com/2017/02/19/lygia-pape-e-as-embalagens-da-pirague/>. Acesso em: 14 de mai. de 2019.

TRAJETÓRIA E HIBRIDISMO EM LYGIA PAPE

Em 1958, ajudou na criação do Ballet Neoconcreto. Em 1960, participou da Exposição Internacional de Arte Concreta, em Zurique, Suíça. No fim dos anos 50 e início dos 60, dedicou-se a uma trilogia de livros de artistas composta por: Livros da Criação, Livro da Arquitetura e Livro do Tempo.

A partir da década de 1960, trabalhou com roteiro, montagem e direção de cinema. Dentre outros trabalhos, também foi professora da Faculdade de Arquitetura Santa Úrsula, de 1972 até 1985. Lecionou na Escola de Belas-artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nos anos 1960, período no qual o movimento feminista se fortaleceu, as mulheres reivindicaram liberdade sexual e de expressão, além da liberdade de fazer o que quiser com o próprio corpo. Surgiram, então, autoras discutindo o papel da mulher na sociedade, com destaque para o prestigiado *Segundo Sexo*, da filósofa francesa Simone de Beauvoir. Foi nesse contexto que surgiu o interesse acerca do trabalho de Lygia Pape, a artista tornou-se a motivadora de uma criação que só se realiza com a participação do espectador.

No seu trabalho *Eat me: a gula ou a luxúria?*, de 1976, trouxe a tona questões que abordavam generalização do consumo e também a desvalorização da mulher, ao rebaixá-la também como objeto de consumo. Lygia trabalhou com a linguagem da publicidade que



assumia um papel relevante diante da comunicação de massa, pois leva o consumidor a idealizar algo, a querer sempre mais e nunca ter seu desejo realizado.

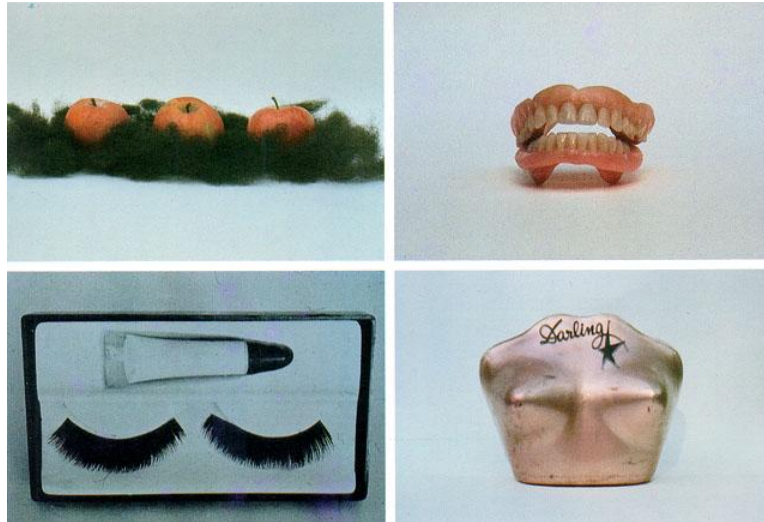


Figura 2 - EAT Me - A Gula ou a Luxúria? Versão I. Verbete da Enciclopédia. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <https://d3swacfcujrr1g.cloudfront.net/img/uploads/2000/01/001646005013.jpg>. Acesso em: 26 de Jul. 2019.

O hibridismo e suas diversas linguagens levam a arte de Lygia Pape ao cotidiano das pessoas, estas interagirem com as obras ao fazerem reflexões acerca do seu papel no mundo ou na sociedade a qual estão inseridas. Nas práticas expressivas contemporâneas as ideias são representadas através de linguagens particulares em uma busca pela interação entre o pensar e o fazer artístico, onde a criação e os processos criativos são vivenciados em um território de hibridização permanente, apresentando diversos e incessantes pontos de interseções e analogias, estabelecendo trocas e conexões, promovendo novas estratégias formais e realizando simbioses espaciais.

O desafio do artista contemporâneo reside no engenho para a criação de projetos geradores de discursos que extrapolem lugares-comuns, de modo a potenciar outras singularidades:

Cabe a nós julgar as obras de arte em função das relações que elas criam dentro do contexto específico em que se debatem. Pois a arte – e afinal não vejo outra definição que englobe todas as demais – é uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo, em materializar de uma ou outra forma suas relações com o tempo e o espaço (BOURRIAUD, 2009, p. 110).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lygia Pape foi uma artista sempre ativa, sua paixão pela arte e pela vida foi elemento fundamental para o contexto da arte brasileira o qual estava inserida. Ela disse, em entrevista ao jornal o Globo (2002) “quando você diz que tem 40, 60, 80 anos, é posto numa gaveta limitada e eu quero poder ter todas as idades”.

Sem medo de ousar, reconstruiu signos que dialogaram com a visualidade de seu cotidiano, de seu contexto político-social, através linguagens diversas com fragmentos de tempos e espaços: o olhar para além da aparência, ampliando e sedimentando sua poética. Seus ousados trabalhos dos anos 1960 foram paralelos ao período no qual o movimento feminista se fortaleceu.

Referências

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRETT, Guy. A lógica da teia. In: PAPE, Lygia. **Gávea de Tocaia**. Texto Mário Pedrosa, Guy Brett, Hélio Oiticica. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL. **Abstracionismo**: marcos históricos. V. 4. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1993.

GULLAR, Ferreira et al. Manifesto Neoconcreto. In: **Jornal do Brasil**, Suplemento Dominical. Rio de Janeiro: 1959.

MATTAR, Denise. **Lygia Pape, Intrinsecamente Anarquista**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2003.

PAPE, Cristina. **Trabalho vivo e renovador**. Entrevista com Lygia Pape realizada em fev-mar. de 2002.

PAPE, Lygia. **Catiti catiti, na terra dos brasis**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980

PAPE, Lygia. **EAT Me - A Gula ou a Luxúria?**. Versão I. Verbetes da Enciclopédia. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24697/eat-me-a-gula-ou-a-luxuria-versao-i>>. Acesso em: 26 de Jul. 2019.

MACHADO, Vanessa. Anarquia e crítica em Lygia Pape. In: **II Encontro de história da arte-IFCH/ UNICAMP**. 2006.